

## **Tornar-Se Pais De Crianças Com Autismo: Sentimentos Vivenciados Pela Família Diante Do Diagnóstico**

Lorrane Pereira Araújo<sup>1</sup>, Yara Dias Ceciliano<sup>1</sup>, Daniela Ponciano Oliveira<sup>3</sup>,  
Luan Ribeiro Souza<sup>1</sup> e San Lee Teixeira Sakai<sup>1</sup>

<sup>1</sup>(Discente de Psicologia da Universidade de Gurupi)

<sup>2</sup>(Mestre em Psicologia pela Universidade Federal do Pará, Docente do curso de Psicologia da Universidade de Gurupi).

---

### **Resumo:**

*Com a chegada do diagnóstico de uma criança com autismo, os familiares, principalmente a mãe, podem se deparar com diversos sentimentos, assim, sabe-se que o diagnóstico de TEA impacta diretamente na rotina familiar, gerando incertezas sobre o futuro e desafios. Desse modo essa pesquisa teve como objetivo compreender esses aspectos psicológicos vivenciados pelos familiares diante do diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista, para isso foram entrevistadas 4 mães de crianças diagnosticadas com Transtorno do Espectro Autista. O estudo tratou-se de uma pesquisa exploratória descritiva, com abordagem qualitativa, realizada na Associação de Pais Amigos Excepcionais (APAE) em Gurupi-TO. Os dados foram obtidos por meio de uma entrevista semiestruturada e de uma técnica projetiva. Diante dos resultados, foi possível compreender que a descoberta do Transtorno do Espectro Autista na criança, é marcado por um sentimento de incerteza para a família, em especial para a mãe, que na maioria dos casos se mostra como a responsável por cuidar da criança e de todas as necessidades manifestadas por ela, da mesma forma que se observou que existem muitos desafios ao se tornar mãe/pai de criança com autismo. Conclui-se diante dos relatos de sentimentos de medo, angústia e preocupação que fica evidente a necessidade de um ambiente acolhedor para que esses pais possam ser ouvidos, onde eles possam compartilhar suas vivências e aprenderem a lidar de maneira funcional com os seus sentimentos e emoções.*

**Palavras-chave:** Autismo; Psicologia; Maternidade; Família.

---

Date of Submission: 20-05-2023

Date of Acceptance: 30-05-2023

---

### **I. Introdução**

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) caracteriza-se como transtorno do neurodesenvolvimento com início na primeira infância e perdura por toda a vida do indivíduo. Conforme o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM, 2013), o diagnóstico do TEA é estabelecido com base em uma lista de critérios comportamentais e se caracteriza por déficits persistentes na comunicação social, interação social e incidência de padrões restritivos e repetitivos do comportamento.

O autismo se manifesta precocemente e pode trazer prejuízos ao funcionamento social do indivíduo acometido. As características do TEA afetam a forma de viver da criança. Quando são bebês podem demonstrar mais interesses em objetos, e não em pessoas. Com o desenvolvimento percebe-se a dificuldade em interagir e se comunicar com as pessoas, e demonstram comportamentos estereotipados. Essas características são prejuízos que podem causar a criança dependentes cuidados de familiares e preocupação deles. (MACHADO, LONDERO, PEREIRA; 2018)

De acordo com Martins et. al., (2022) o porquê da existência do TEA ainda é um desafio para ser determinado pelo diagnóstico inicial, pois trata-se de um transtorno com um amplo espectro multifatorial. Dessa forma, o diagnóstico traz uma dificuldade inicial para os pais e ou responsáveis, levando a ter inúmeras dúvidas, assim como a mudança de sua rotina para adequar-se à nova realidade do filho.

Crianças com transtorno do espectro autista tem dificuldades maiores na realização de atividades comuns, necessitam de cuidados e dependem de pais ou cuidadores. A família precisa de mudanças na rotina diária e familiar, para se adaptarem as necessidades da criança com autismo, visto que dependendo do nível, eles têm maior dependência de pais e cuidadores.

Smeha e Cezar (2011) expõem que defrontar-se com as limitações de um filho, é sempre um encontro com o desconhecido, com o novo. Encarar essa nova e inesperada realidade podem causar vivências de sofrimento, confusão, frustrações e medo. Desse modo, ser pai e mãe torna-se uma grande experiência,

mesmo com a rede de apoio profissional e familiar, é com os pais que ficam as maiores responsabilidades e cuidados.

Weissheimer (2020) aborda que com a chegada do diagnóstico, os familiares se deparam com o sentimento de insegurança relacionado a uma experiência que nunca vivenciaram, surgem dúvidas sobre o transtorno, sobre o que pode ser feito, surge a dificuldade de lidar com o comportamento da criança; a necessidade de tomar decisões sobre tratamentos dos quais ainda não receberam tantas informações e, em alguns casos, vivenciam todas as dificuldades também com a falta de recursos financeiros para encarar as despesas que o tratamento requer.

Diante de fatores ainda pouco explorados, desconhecidos, bem como a amplitude do tema e o significativo número de diagnosticados, justifica-se a necessidade desta pesquisa. Sabe-se que o diagnóstico de TEA impacta diretamente na rotina familiar, gerando incertezas sobre o futuro da criança diagnosticada.

Acredita-se que o diagnóstico de TEA possa causar inicialmente uma diversidade de sentimentos que afetam diretamente na qualidade de vida e saúde mental dos cuidadores familiares, e ainda encontram dificuldades no suporte emocional. Os pais de crianças com TEA se preocupam com o preconceito e podem vivenciar situações em que se sentem expostos ao julgamento das pessoas em relação ao comportamento imprevisível de seus filhos, o que gera preocupações sobre como elas se percebem como pais.

Desse modo essa pesquisa teve como objetivo compreender esses aspectos psicológicos vivenciados pelos familiares diante do diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista, para isso foram entrevistadas 4 mães de crianças diagnosticadas com Transtorno do Espectro Autista, acolhendo o relato da primeira dúvida em relação a existência do autismo no filho, o momento da confirmação do diagnóstico, a realidade atual da família, o suporte social e os sentimentos vivenciados.

## **II. Materiais e Método**

O estudo tratou-se de uma pesquisa a campo, exploratória descritiva, com abordagem qualitativa, foi realizada na Associação de Pais Amigos Excepcionais (APAE) em Gurupi-TO, após aprovação pelo CEP nº 5.953.709, onde foi realizado o levantamento de pais e responsáveis de pacientes diagnosticados com TEA.

A pesquisa exploratória e descritiva para Gil (2008) tem como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema para torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses, e descrição das características de determinada população ou fenômeno ou a relação entre determinadas variáveis.

Segundo Minayo (2001), a pesquisa qualitativa aplica-se a complexidade dos fenômenos, por meio de atribuição de significações, causas, ideais, padrões e comportamentos. O método considera a relação dinâmica entre a realidade e o sujeito, sendo um vínculo indissociável entre o mundo e a subjetividade do ser, compreendendo que este fenômeno não pode ser traduzido em números, utiliza da interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados, motivos, valores, crenças e atitudes.

A pesquisa qualitativa busca analisar experiências de indivíduos ou grupos, sendo possível analisar interações e comunicações que estejam se desenvolvendo através da observação e nos registros desta comunicação, de modo que o fascínio da metodologia qualitativa é a possibilidade de aprofundar os assuntos estudados, atribuindo significados pelos sujeitos (MINAYIO, 2001).

A pesquisa foi realizada com quatro mulheres, mães de crianças com diagnóstico de transtorno do espectro autista, que fazem parte da APAE (associação de pais e amigos dos excepcionais). As participantes foram informadas sobre o objetivo da pesquisa e sobre a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE foi realizado com as participantes uma entrevista semiestruturada e aplicação da técnica desenho estória com tema.

Foi confeccionado um material expositivo para informar sobre a pesquisa que seria realizada, após foi divulgado em um grupo de pais e mães de crianças autistas, os responsáveis interessados em participar foram no total de 6 mães, mas a pesquisa foi realizada somente com 4 devido a incompatibilidade de horários para a realização das entrevistas.

Foi marcado um horário para as entrevistas e aplicação da técnica projetiva, de acordo com a disponibilidade de cada participante. A entrevista semiestruturada foi realizada com os Pais e/ou responsáveis e/ou responsáveis participantes de forma individual e reservada, contudo, foi gravada sob consentimento dos participantes e logo depois transcrita na íntegra, resultando assim maior fidedignidade dos dados obtidos.

A entrevista é um importante instrumento para as pesquisas qualitativas, e não se caracteriza por uma conversa despreziosa e neutra, mas uma forma de coletar dados a partir do relato dos participantes, como sujeitos que vivenciam a realidade estudada. Desta forma, configura-se como uma conversa com objetivos definidos, fomentando dados subjetivos e focados (MINAYO, 2001).

Os dados coletados a partir da fala dos sujeitos se relaciona a valores, a atitudes e opiniões dos participantes entrevistados. As entrevistas semiestruturadas, caracterizada quando há a formulação de perguntas previamente, mas perguntas abertas que permitem ao entrevistado discorrer de maneira mais livre (MINAYO, 2001).

Após a entrevista foi realizada uma técnica projetiva do Desenho Estória com Tema (DE-com Tema), onde o tema proposto foi “Família”. O Procedimento de Desenhos-Estórias com Tema (D-E com Tema) consiste na solicitação de desenhar e contar uma estória a respeito de determinado tema proposto. O tema é escolhido em função das necessidades do examinando e/ou do examinador. Após as fases de desenhar e de contar estórias, realiza-se o “inquérito” e solicita-se o título (TRINCA, 2020).

Sobre o uso das técnicas projetivas em psicologia, verifica-se que tais recursos auxiliam e facilitam a comunicação e expressão dos sentimentos. As técnicas projetivas oferecem acesso ao mundo dos significados, sentidos e sentimentos do sujeito. Tais instrumentos revelam-se aquilo que não pode ou não quer dizer-se e caracterizam por serem de natureza relativamente não estruturada, onde há liberdade na resposta e tempo e estímulos indefinidos e flexíveis (TRINCA, 2020).

Os instrumentos (entrevista e técnica projetiva) foram usados especificamente para os propósitos desejados da pesquisa e após as tabulações e análise, trazem uma maior compreensão do tema proposto. Cabe ressaltar que os dados foram coletados reservadamente em um espaço cedido e devidamente preparado.

Esse procedimento garantiu à segurança dos Pais e/ou responsáveis e/ou responsáveis participantes da pesquisa, incluindo medidas de proteção à confidencialidade das informações obtidas.

### **III. Resultados e Discussão**

Inicialmente a pesquisa tinha como intuito a escuta de pais e mães de crianças com autismo, no entanto na coleta de dados, verificou que apenas participantes mulheres se disponibilizaram para colaborar com a pesquisa, apesar desse dado amostral inexpressivo no que se refere a quantidade, é possível correlacionar com a literatura que compreende que o papel da mãe como principal no cuidado de crianças com necessidades específicas.

Durante a realização da entrevista e aplicação da técnica projetiva as 4 participantes identificadas como P1, P2, P3 e P4 foram receptivas e solícitas ao participarem da dinâmica estruturada para a ocasião, responderam às perguntas de maneira clara e concisa, trazendo informações detalhadas em cada pergunta direcionada a elas. Em relação à aplicação do material projetivo verificou que todas as participantes expressaram suas vivências familiares de modo consciente se percebendo como parte do processo.

A partir da análise de conteúdo realizada, foi possível compreender que a descoberta do Transtorno do Espectro Autista na criança, é marcado por um sentimento de incerteza para a família, em especial para a mãe, que na maioria dos casos se mostra como a responsável por cuidar da criança e de todas as necessidades manifestadas por ela.

De acordo com Zannon (2014) os primeiros sintomas no desenvolvimento tendem a ser percebidos pelos pais durante os dois primeiros anos de vida. No estudo Constantinidis et al (2018) os autores apontam que comumente, são as mães que percebem algum problema, procuram tratamento, acompanham seus filhos, ficando responsáveis pela administração das prescrições médicas e manejando as reações da criança.

Nos relatos é possível perceber que essa desconfiança sobre alguma alteração no desenvolvimento da criança, partiram inicialmente do olhar da família, trazendo percepções a respeito dos marcos do desenvolvimento infantil que não estavam sendo alcançados pelos seus filhos. A desconfiança de que alguns comportamentos não estavam adequados para a idade da criança pode ser observado nos seguintes relatos:

“Partiu de mim descobrir, não foi a escola, não foi nenhum profissional, foi eu como mãe que tive esse olhar atento e eu percebi que ele tinha autismo e a gente foi atrás do diagnóstico, então a primeiro momento, quando eu percebi que tinha alguma coisa diferente acontecendo com ele, a gente começou a tentar entender o que estava acontecendo com ele.” (P1)

“Antes mesmo do diagnóstico eu já suspeitava, meu tio que tinha experiência na área me chamou para conversar e disse que tínhamos que levar L em um neurologista.” (P3)

De acordo com a literatura científica, quando o diagnóstico se torna real, mães e pais têm reações tanto negativas quanto positivas, experienciam o luto, choque, depressão, sentimento de culpa, raiva, mas também reações de aceitação e adaptação. (OLIVEIRA et al., 2019). Foi possível identificar através dos relatos que as reações no momento do diagnóstico foram para o viés negativo inicialmente, relataram sentir medo, demonstraram em suas falas uma preocupação em como irão passar por esse momento, tais sentimentos ficaram evidenciados nos seguintes trechos:

“No momento foi um choque e um alívio também, pois eu não errada, eu me culpava pois pensava que era falta de atenção minha ou ausência do pai. No momento do choque, não chorei, no momento estava separada do meu esposo, pensei muito se as pessoas iam aceitar meu filho, eu só consegui chorar no momento em que falei para meu esposo sobre a suspeita do diagnóstico. Tive um período de luto onde só pensava coisas ruins como iria ao shopping com meu filho, como será quando estivermos no mercado, ele irá ter crises e eu estarei sozinha e como será quando ele crescer.” (P3)

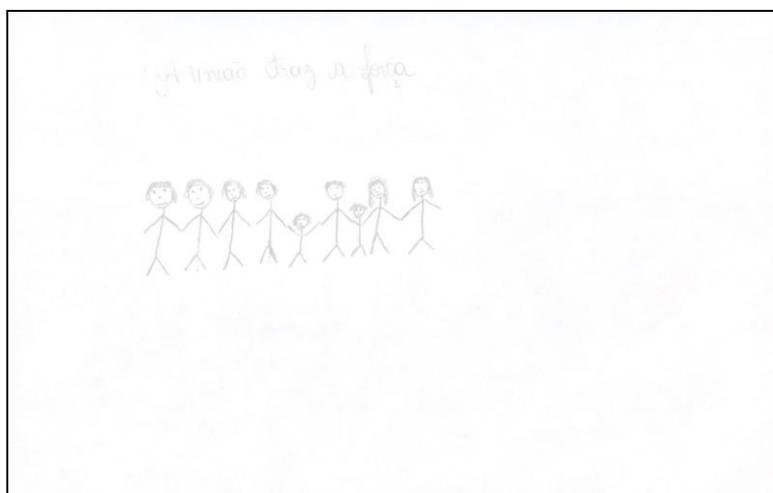
“Chorei bastante no início, tive muita angústia, eu não sabia como lidar, era difícil antes de eu saber, depois ficou mais difícil ainda até eu entender como eu iria lidar e como eu iria sair daquela angústia. No

momento foi tristeza, hoje já não sinto mais tristeza hoje só luto para tirar o preconceito das pessoas e até da família “ (P4).

“No início do diagnóstico estávamos otimistas, buscamos entender o autismo. O sentimento que veio foi de medo por não saber como ia ser, pensávamos que não estávamos preparados para ter uma criança especial, um pouco de angústia, medo de não saber como lidar, de não sermos aceitos.” (P1).

“Tivemos medo, insegurança, incapacidade de não saber se você vai dar conta”. (P2)

É possível compreender essa dificuldade em relação aos aspectos emocionais no Desenho Estória da participante da P1:

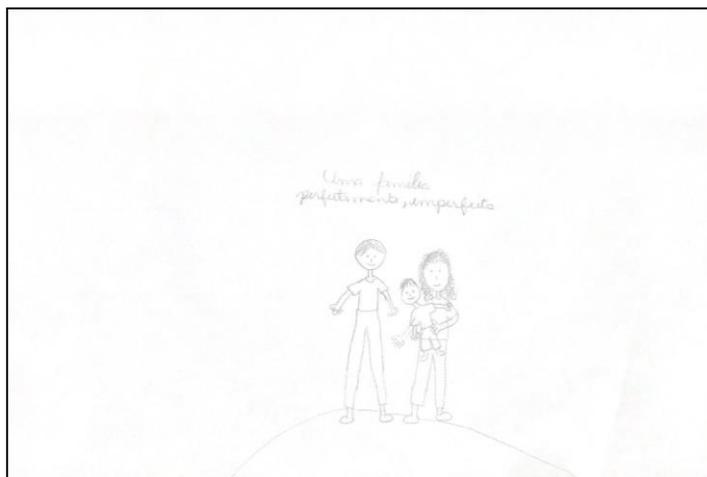


“Era uma vez uma família, que, onde era composto por um pai, uma mãe. Um homem, uma mulher e um filho e eles estavam passando por dificuldades, dificuldades essas que não eram financeiras, mas emocionais. E em meio a essa luta, aqueles que estavam ao redor deles perceberam que algo estava acontecendo e da maneira deles, diferente de amar, por que nem sempre todo mundo tem uma forma de amar que a gente tem né? Mas, a família deles especialmente percebeu que ali havia algum problema e de uma forma diferente de cada um, decidiram se unir e juntos eles estão lutando e travando uma luta que também é deles, demonstrando assim para aquela família, que eles não estão sozinhos.” (P2)

Diante do processo de gerar e conceber um filho, é comum que os pais idealizem a criança de acordo com a imaginação, desejos e fantasias. Se com a chegada da criança, houver qualquer fator que difira dessa idealização, pode ocasionar em um impacto enorme na família e na quebra da idealização (LIMA et al, 2021). A criança não será capaz de corresponder às expectativas que nela são projetadas e dessa maneira as mães se deparam com diversos sentimentos ao lidar com a nova realidade. No trecho transcrito a seguir, é possível identificar os sentimentos que surgem com a quebra dessa idealização:

“Tivemos medo, insegurança, incapacidade de não saber se você vai dar conta, você tem que saber quem é o seu filho, porque até o momento, você achava que ele era aquilo e depois descobre que não, que ele é outra criança e que precisa e que requer cuidados. Para brincar com ela é de um jeito, para chamar atenção dela é de outro jeito, então são coisas minuciosas que para hoje, no tempo em que a gente vive, é desafiador. Entrei em conflito porque como mãe, achei que não estava sendo suficiente.” (P2)

Da mesma forma, que no desenho e no relato da P1 na realização da técnica projetiva, é possível perceber o esse desejo idealizado da espera do filho perfeito, o que é comum na vivência da maternidade, e como lidar com o diagnóstico do filho faz com que ela perceba sua família como “imperfeitamente perfeita”. De acordo com Constantinidis et al (2018) as mães passam pelo processo da resistência inicial até compreender e afirmar para elas mesmas, percebendo o contraste entre o filho sonhado e o real e percebendo essa criança, decorrente de limitações, não poderá ser do modo que ela esperava.



“Era uma vez um casal que eles sempre desejaram ter um filho, principalmente a mãe, ela sempre teve esse desejo, e que um dia eles conseguiram ter esse filho, que ele veio ao mundo desde pequeno, muito amado, muito desejado e que ele é alegria, apesar de todas as dificuldades, ele sempre foi alegria, uma criança que gosta de sorrisos, gosta de abraço, gosta de carinho. E que apesar de todas as dificuldades tem uma família que permanece juntos. Acho que essa é a história, é a história da minha família”

De acordo com Gomes et al (2014) os primeiros momentos do diagnóstico TEA da criança, faz com que as famílias precisem enfrentar um novo contexto que exige alterações e adaptações na estrutura familiar e toda essa reestruturação, muitas vezes, cansa emocional e fisicamente as pessoas que estão inseridas na estrutura da família, principalmente as mães. No relato das participantes é possível perceber que foi necessário abdicar de algumas tarefas do cotidiano, para se dedicar e adaptar a uma nova rotina quando elas afirmam:

“A gente tinha uma rotina normal. O que mudou é que antes tínhamos uma rotina de família típica e depois encaramos uma rotina de família atípica. Passamos a nos dedicar mais a ele, a ficar mais com ele, em casa mesmo, tive que abrir mão do trabalho e a gente passou a ter uma rotina dedicada a ele.” (P1)

“Depois do diagnóstico o que muda é a adaptação, vem muitas informações, nenhum pai é preparado para ter um filho autista, então temos nos adaptados, tem os profissionais que tivemos que incluir, alguns conseguimos, outros ainda estamos procurando.” (P2)

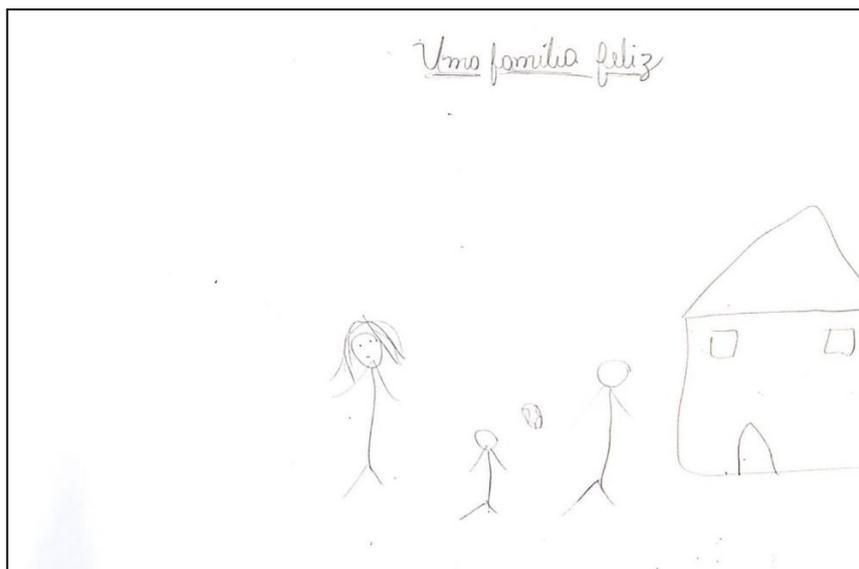
“A gente sempre teve rotina, horários para tudo, bem antes do diagnóstico sempre teve horário para tudo, após o diagnóstico está tranquilo, melhorou mais porque saímos do período de investigação onde tudo era incerto, eu ficava viajando com ele para Brasília, agora mesmo com a rotina de terapias está mais tranquilo porque eu estou só em casa, pois não voltei ainda para faculdade, estou só aos cuidados dele, segunda e o dia todo de terapias, eu e meu esposo não temos familiares aqui, não temos suporte, então enquanto não voltei para faculdade estou só aos cuidados dele.” (P3)

“Era meio conturbado no início pois ele apresentava comportamentos que a gente não sabia o real motivo do que era, era convivência de família normal mesmo, sempre o acolhemos, mas após o diagnóstico muda um pouco, mudamos até a maneira de aprender falar, pois o que imaginávamos ser birras, coisas de mimado, já muda, pois, vemos que ele tem um problema então temos que mudar nosso jeito, de agir perante as crises e antes não sabíamos lidar, antes do diagnóstico, após, com a orientação dos profissionais aprendemos lidar melhor.” (P4)

Os pais de crianças com autismo precisam compreender o modo como a criança vê o mundo, como ela lida com as suas emoções, o que motiva as suas atitudes e perceber essa visão de mundo através dos olhos da criança, é um fator que eles trazem como um dos maiores desafios ao se tornarem pais, sentem a necessidade de entender as demonstrações do que seus filhos estão necessitando e solicitando. Pode-se perceber pelo relato das participantes que elas buscam compreender como podem melhor ajudá-los.

“Uma das maiores dificuldades que temos é a questão da fala, ele é uma criança autista, nível 3, e não é verbal, então a gente sente angústia pois muitas vezes ele está sentindo alguma coisa, mas não sabe falar, não

sabe se expressar, e a gente fica o tempo todo tentando entender, querendo entender o que passa na cabeça dele”. (P1)



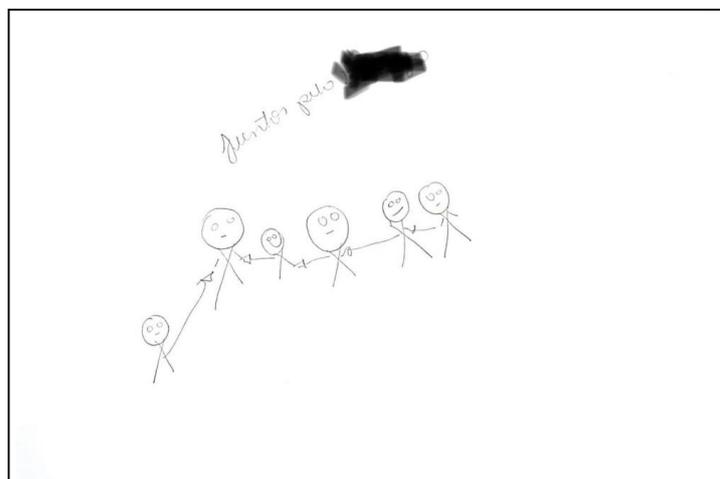
“Entrar num mundo que eu não conhecia. Até então, antes de eu ter meu filho, eu era como uma pessoa da sociedade, eu não sabia o que era autista, eu sabia que era um transtorno e eu tinha até mesmo uma ignorância de achar que eram crianças que não eram capazes de fazer alguma coisa, que elas eram deficientes, ou seja, eu não sabia o que era autista, sabia que era uma criança especial, então a partir do momento que recebi esse diagnóstico, entrei em um mundo que nunca foi meu, eu nunca tive alguém e nunca conheci alguém que tivesse um filho autista, então o desafio é descobrir esse novo mundo”. (P2)

"O maior desafio foi compreendê-lo, paciência, tive de desacelerar para poder compreender ele, o que ele quer, o que não quer, precisa ter paciência para entender o que ele quer, saber o que ele gosta, o que não gosta, entender o mundinho deles”. (P3)

"O maior desafio, eu acho que é compreender ele, o emocional, as atitudes”. (P4)

Ademais, o medo da falta de compreensão intensifica-se na realidade das mães quando pensam na inserção dos seus filhos nos contextos que precisam socializar com pessoas que não fazem parte da dinâmica familiar.

A sobrecarga vivida pelas mães em decorrência dos cuidados e tarefas peculiares exercidas na atenção ao filho com TEA, onde acabam vivendo em prol do cuidado dos filhos, em muitos casos acontece de não ter tempo para a convivência conjugal ou até mesmo para seus cuidados pessoais (CHRISTMANN et al; 2017). Em relação a isso, esse sentimento pôde ser percebido da no Desenho Estória da P3.



“A gente almoçou, nós 3 e um dia de domingo, nós almoçamos, L dormiu e eu e meu esposo ficamos assistindo um filme, L acordou e levamos ele para brincar, estamos em um momento de família, tivemos um

momento somente eu e meu esposo e depois um momento com nosso filho. Meu esposo brinca com nosso filho de bola e eu olho para eles brincando”. (P3)

Determinadas famílias encaram preconceitos e discriminações por terem uma criança diferente, os comportamentos que elas apresentam não são considerados normais e aceitos pelas pessoas ao redor, vizinhos, amigos, familiares são os causadores desse preconceito e discriminação (SOUZA E SOUZA, 2021).

O preconceito é um fator que os pais de crianças autistas têm receio, porém precisam lidar e pode-se perceber nos relatos de duas mães como elas se preocupam com esses acontecimentos, pois podem vir do ciclo familiar, de conhecidos, dos pais de outras crianças, da escola.

“Você ver a sua criança crescendo e as crianças ao redor e você vai vendo que tem diferença, você vê que as pessoas olham com diferença, olhar de julgamentos, a gente fica com receio até de sair para os lugares, porque além do autismo, tem a hiperatividade de ficar atendendo aquilo que a sociedade espera que a criança faça.” (P1)

“Pensei na maneira como ele irá se desenvolver com o mundo, na maneira do preconceito das pessoas.” (P4)

Dentro desse processo de descoberta e também do cuidado durante ao longo da vida das crianças, as mães ainda relatam sentir uma preocupação em relação à ausência de apoio e assistência como suporte para o cuidado e necessidades da criança e da família.

Esse sentimento pode ser justificado devido à assistência ser pautada, predominantemente, no modelo biomédico de cuidado. Dessa maneira, a família se sente desassistida. (BONFIM; et al). A preocupação pode ser observada no relato da (P2):

“O meu marido tem um plano de saúde, ele é concursado pelo município, então é o que ajuda, o que o município cobre, ele tem, o que ele tem hoje é pelo plano, ou a gente paga por fora do plano, a gente não consegue pagar todos os profissionais, eu me sinto desassistida e eu acredito que não seja uma dificuldade que eles estão tendo, acredito que eles não dão importância, são inúmeros descasos” (P2)

De acordo com Klinger et al (2020) ter o acolhimento da família, oferece aos pais de crianças com diagnóstico de TEA é importante e facilita o enfrentamento do diagnóstico, permitindo uma breve passagem dos estágios do luto. Esse apoio familiar é evidenciado no Desenho Estória da P4.

“Eu, o pai e o Fernando<sup>1</sup>, aqui está meu filho e os filhos do meu esposo, está eu junto com meus filhos porque independente de algo aconteça, estaremos sempre unidos, e independente de tudo a união pelo A e acima de tudo.” (P4)

Somente o apoio familiar não é suficiente, quando a criança tem limitações, há a necessidade de acompanhamento, que englobe ter apoio social e legal, bem como de profissionais da saúde e também da educação (KLINGER, et al., 2020).

#### **IV. Conclusão**

Através desta pesquisa foi possível perceber que diante do diagnóstico do autismo de um filho, as responsáveis, em especial as mães, renunciam a muitas áreas das suas vidas para atender a demanda dos filhos. Percebeu-se que receber o diagnóstico altera a rotina da família, é necessária uma adaptação na vida da criança e de todos aqueles que convivem com ela, e esse movimento de se adaptar às dependências da criança, exige dos cuidadores uma maior dedicação, levando-os muitas vezes a abdicar de suas responsabilidades e viver em função da criança, elucidando assim a importância da existência de um olhar voltado para quem cuida, uma rede de apoio para acolher os cuidadores da criança.

Os sentimentos vivenciados pelas mães de crianças com transtorno do espectro autista no momento do diagnóstico aparecem inicialmente de maneira negativa e com o passar dos dias surgem sentimentos de um viés positivo, principalmente por se perceberem aliviados com as possibilidades dos tratamentos.

Aspectos como o medo, a incapacidade, a insegurança, a tristeza, o choque, o luto pela idealização do filho, foram frequentes nas falas das participantes. Foi exposto também a preocupação em relação ao preconceito ao qual a criança poderia eventualmente passar por não ser compreendida na esfera em que é inserida para socializar com pessoas que são alheias a família (vizinhos, amigos, colegas de escola).

Diante desses sentimentos fica evidente a necessidade de um ambiente acolhedor para que esses pais possam ser ouvidos, onde eles possam compartilhar suas vivências e aprenderem a lidar de maneira funcional com os seus sentimentos e emoções. É papel da psicologia fazer essas intervenções com o intuito de promover e prevenir a saúde mental de quem cuida, o olhar não deve apenas está direcionado para quem recebeu o diagnóstico, é interessante investir em grupos que com o auxílio de um profissional da psicologia possa desenvolver um espaço com atividades no sentido de trocar experiências sobre os desafios de cuidar de um filho autista.

Partindo do ponto de vista em que se desdobrou essa pesquisa, propõe-se que mais pesquisas sejam realizadas nessa área com o objetivo de fomentar ainda mais a área do autismo, não seguindo apenas pelo viés

---

<sup>1</sup> Nome fictício para preservar a identificar do filho da participante.

direcionado as mães, mas por toda a diversidade que ainda se pode e deve-se explorar, como sugestão voltar o olhar para a ausência da figura paterna no contexto de quando recebe o diagnóstico de autismo.

### **Referências**

- [1]. AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders, Fifth Edition (DSM-V). Arlington, VA: American Psychiatric Association, 2
- [2]. BONFIM, Tassia de Arruda et al. Vivências familiares na descoberta do Transtorno do Espectro Autista: implicações para a enfermagem familiar. *Revista Brasileira de Enfermagem*, v. 73, 2020.
- [3]. CHRISTMANN, Michele et al. Estresse materno e necessidade de cuidado dos filhos em TEA na perspectiva das mães. *Cadernos de Pós-graduação em Distúrbios do Desenvolvimento*, v. 17, n. 2, 2017.
- [4]. CONSTANTINIDIS, Teresinha Cid; SILVA, Laila Cristina da; RIBEIRO, Maria Cristina Cardoso. “Todo mundo quer ter um filho perfeito”: vivências de mães de crianças com autismo. *Psico-USF*, v. 23, p. 47-58, 2018.
- [5]. DA SILVA MARTINS, Maria Virginia Barros; DOS SANTOS, Jhennifer Kelly Moraes; DE ALMEIDA LIMA, Josemir. O impacto do diagnóstico do transtorno do espectro autista na vida familiar. *Research, Society and Development*, v. 11, n. 16, p. e229111638233-e229111638233, 2022.
- [6]. DE OLIVEIRA, Wanderlei Abadio et al. Vivências de pais de crianças com espectro autista: um enfoque fenomenológico. *CIAIQ2019*, v. 2, p. 762-767, 2019.
- [7]. DE SOUZA, Rachell Fontenele Alencar; DE SOUZA, Júlio César Pinto. Os desafios vivenciados por famílias de crianças diagnosticadas com transtorno de espectro autista. *Perspectivas em Diálogo: revista de educação e sociedade*, v. 8, n. 16, p. 164-182, 2021.
- [8]. GIL, Antonio Carlos. Didática do ensino superior.
- [9]. GOMES, Paulyane et al. Autism in Brazil: a systematic review of family challenges and coping strategies. *Jornal de pediatria*, v. 91, p. 111-121, 2015.
- [10]. KLINGER, Ellen Fernanda et al. Dinâmica familiar e redes de apoio no transtorno do espectro autista. *AMAZÔNIA: SCIENCE & HEALTH*, v. 8, n. 1, p. 123-137, 2020.
- [11]. LIMA, Jhonatan Correia et al. LUTO PELO FILHO IDEALIZADO: PAIS DE CRIANÇAS COM TEA. *Revista Eletrônica da Estácio Recife*, v. 7, n. 3, 2021.
- [12]. MACHADO, Mônica Sperb; LONDERO, Angélica Dotto; PEREIRA, Caroline Rubin Rossato. Tornar-se família de uma criança com transtorno do espectro autista. *Contextos Clínic*, São Leopoldo, v. 11, n. 3, p. 335-350, dez. 2018.
- [13]. MINAYO, M. C. de S. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 7. ed. São Paulo: Hucitec, 2001. 269 p.
- [14]. SMEHA, Luciane Najjar; CEZAR, Pâmela Kurtz. A vivência da maternidade de mães de crianças com autismo. *Psicologia em estudo*, v. 16, p. 43-50, 2011.
- [15]. TRINCA, Walter. Formas lúdicas de investigação em psicologia: Procedimento de Desenhos-Estórias e Procedimento de Desenhos de Família com Estórias. Vetor Editora, 2020
- [16]. ZANON, Regina sso; BACKES, Bárbara; BOSA, Cleonice Alves. Identificação dos primeiros sintomas do autismo pelos pais. *Psicologia: teoria e pesquisa*, v. 30, p. 25-33, 2014.